

“Cordelisando” a teoria *Queer* uma análise das personagens travestis nos cordéis

Francisco Leandro de Assis Neto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ASSIS NETO, FL. “Cordelisando” a teoria *Queer*: uma análise das personagens travestis nos cordéis. In: MITIDIARI, AL., and CAMARGO, FP., orgs. *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 97-116. ISBN 978-85-7455-442-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

“CORDELISANDO” A TEORIA *QUEER*: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS TRAVESTIS NOS CORDÉIS

Francisco Leandro de Assis Neto¹

Considerações iniciais

Tratar de questões relacionadas à sexualidade humana, desde o século XIX, vem se revelando um trabalho de mapeamento das vontades e instintos, em muitos casos. O discurso cientificista oriundo deste período tentou, por diversas vezes, desvendar a natureza humana, marginalizando práticas e sujeitos que se desviassem da norma. Termos como “heterossexual” e “homossexual” foram cunhados em datas da segunda metade do século XIX (KATZ, 1996). O sujeito entra em cena, passa a ser estudado, não somente por suas práticas, mas pela motivação psíquica que as envolvia.

Poderíamos perceber aí o embrião das chamadas identidades sexuais e/ou de gênero, definições e argumentações acerca dos sujeitos e práticas, que seriam reelaboradas e questionadas somente a partir da segunda

.....
1 Mestre em Literatura e Interculturalidades, Universidade Estadual da Paraíba; doutorando em Literatura e Interculturalidades, Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: <leandroassis.uepb@gmail.com>.

metade do século XX, motivado pelos movimentos das chamadas minorias, como o feminismo, o ativismo negro nos Estados Unidos, as lutas do proletariado, as lutas contra as ditaduras na América Latina etc., eclodidos durante a década de 1960. O discurso contestador sobre a naturalização dos sujeitos e a “patologização” destes surge. Importantes pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jacques Derrida, contestaram e repensaram a lógica estruturalista – em grande parte fundamentada nos escritos de Ferdinand de Saussure.

A solidez dos discursos das esferas de saber oficiais (jurídico, religioso, médico) é questionada, à medida que os sujeitos marginalizados começam a produzir seus discursos. A dicotomia entre verdadeiro/falso é questionada nos discursos fundantes, como nos mostra Foucault (1979, p. 7):

Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, em torno da verdade – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer ‘o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar’, mas ‘o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder’; também que não se trata de um combate ‘em favor’ da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.

Assim percebemos que, nas tramas dos discursos sociais, bem como nas suas redes de poder, existe o redimensionamento do sujeito, o deslocamento de imagens concebidas secularmente e questionadas. Esse questionamento pode produzir toda a formulação de uma rede de antidisciplina, propiciada pelas plurais leituras que podem ser feitas do jogo de relações poder/saber e da vivência cotidiana com várias modalidades discursivas de historicidade, pertencimento cultural, institucional e etc.; de autores e leitores desse cotidiano que, influenciados pela cultura e pelo momento histórico, podem reproduzir ou (re)inventar verdades, sujeitos e práticas.

Neste estudo, nos utilizaremos de obras da literatura de cordel para a análise das representações das personagens travestis nas obras: *A briga de um gay com uma mulher macho* (MONTEIRO, 2009), *O garanhão que lascou-se com um travesti* (CAMPOS FILHO, s/d), *O padre que virou mulher* (MENEZES, 1988). Apontaremos que, no interior de uma produção discursiva tida, durante muito tempo, como representante de uma cultura tradicional, patriarcal e falocêntrica, de uma região historicamente masculinista e sexista – o Nordeste brasileiro – outras possibilidades de representação do sujeito travesti e de suas práticas podem ser concebidas, contrariando aspectos do pré-construído (PÊCHEUX, 2009). Sabendo que o enunciado não se realiza exclusivamente na órbita da linguística, tampouco na da física, mas, em relação estrutural que mescla o imagético

e o linguístico, trataremos a irregularidade do corpo e das práticas dos travestis discursivizados nos cordéis, sob a perspectiva da teoria *queer*. Assim, ao analisarmos tais séries enunciativas, constataremos que a teoria *queer*, que visa à pluralidade performativa dentro da própria diversidade, pode ser aplicada a um discurso que, sob o olhar desatento, pode apenas sugerir uma representação social preconceituosa e degradante do travesti.

Aspectos teóricos-metodológicos da teoria *queer*

Práticas disciplinadoras do desejo humano – desejo na forma do exercício da sexualidade, de transbordar o “lícito” – desde os séculos XIII e XIX, particularmente, vêm se revelando, ao longo da história, uma prática relativamente eficaz de dominação do sujeito. A dominação, neste caso, visava ao adestramento do corpo, desejos (mesmo que sublimados) e práticas sexuais dos indivíduos, autorizado pelas instituições de poder punitivas da sociedade (o exército, a escola, o hospital, a fábrica etc.), sobretudo para a produção de um corpo dócil apto a integrar uma sociedade mecanicamente planejada pelo capitalismo que se espalhou por todo o Ocidente, neste período. A discussão da mecanização dos corpos no Ocidente, que descobriu o capitalismo, bem como a análise do discurso acerca da sexualidade, é articulada por Foucault (1988, p. 151),

no primeiro volume de *História da sexualidade*, no qual coloca que

[...] no corpo como máquina, no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistema de controle eficazes e econômicos,

o homem se integraria à lógica capitalista de maneira a reproduzir uma conduta adequada à sociedade em que nascia.

A partir da observação de todo o sistema disciplinador do sujeito, Foucault forja os termos “biopoder” e “biopolítica”, dois conceitos que, mais tarde, fomentariam questionamentos levantados pela teoria *queer*. Contudo o biopoder e/ou biopolítica não agem de forma uniforme e genérica de fora para dentro, mas começam no interior dos corpos, falseando um discurso naturalista, requerendo a doutrinação, repetição e vigilância contínua do sujeito, a fim de maximizar sua performance social dentro do sistema capitalista. Acerca disto, Machado (2007, p. 19) aponta:

É o diagrama de um poder que não atua no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista.

O biopoder, atuando no interior do homem, ainda preconizava processos como o controle da natalidade, assim manipulando o processo populacional; o controle da saúde do indivíduo, promovendo políticas de higienização; o controle do desejo, talvez o mais importante, ditando práticas como saudáveis ou patológicas, do ponto de vista da sexualidade. A esse corpo disciplinarizado, o filósofo dá o nome de “corpo espécie”, que seria o corpo “adequado” à espécie humana, ao humano moderno e evoluído, excluindo todo aquele que não se enquadrasse nessa dinâmica.

A partir de estudos como os de Foucault, a naturalização, a patologização e a disciplina- rização dos sujeitos e dos corpos foram sendo revistos. Apoiados pelos movimentos de minorias, principalmente as sexuais, mas não somente por estas, pensadores começaram a preencher lacunas e a fazer releituras a respeito dos estudos feministas, *gays* e lésbicas, da sociologia do desvio norte-americana e do pós-estruturalismo francês, surgido em meados dos anos 1980 o pensamento que, mais tarde, se traduziria em uma teoria *queer*.

A teoria *queer* surge em tempos de reavaliação crítica das políticas identitárias. O termo *queer*, segundo Louro (2001), pode ser tomado como: estranho, excêntrico, raro, extraordinário, abjeto, geralmente utilizado de forma pejorativa, nos Estados Unidos, para se referir ao sujeito *gay*. No entanto, há um processo de positivação engendrado pelos pensadores dessa teoria, que se utilizam do deboche e do escárnio

para desestabilizar o próprio insulto produzido pela heteronormatividade. Sendo assim, o *queer* representaria aquele que não pretende ser tolerado dentro de uma lógica político-normativa. Sua ação transcende as políticas de inclusão; o *queer* se assume diferente e prima pela sua diferença.

Entretanto não somente de “radicalidades” esse pensamento é construído. A filósofa estadunidense Judith Butler aponta, dentro desta linha de raciocínio, questionamentos que iriam redimensionar as relações entre sexo e gênero já debatidas pelos estudos feministas. Esses estudos, em suma, têm o sexo como substância, ou seja, é fatídico e imutável o sujeito nascer macho ou fêmea (anatomicamente) e, a partir dessa possibilidade binária biológica se dará a construção do gênero, sendo ele um atributo pessoal (não confundir com individual), que, ao longo do processo de socialização e “culturamento” do indivíduo, molda suas condutas. Parafraseando Simone de Beauvoir: “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler levanta uma série de questões acerca do lugar do gênero. Quem decide ou não e o porquê decide “tornar-se mulher”? Obrigatoriamente, poderíamos não estar nos referindo a um indivíduo biologicamente do sexo feminino, por exemplo.

A autora refere-se ao gênero como um fenômeno inconstante e contextual, não delimitador de um ser essencial, ou fixo, mas “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente

convergentes” (BUTLER, 2003, p. 29). Através dessa inconstância do gênero e das convergências e divergências propiciadas entre as relações históricas e culturais, ela elabora o conceito de performatividade do sujeito. Percebemos, então, a crítica ao feminismo humanístico e, por associação, aos movimentos identitários *gays* e lésbicas que, através das práticas político-ativistas, reivindicam uma identidade própria, tendo talvez como “efeito colateral” a fixidez identitária. Desta forma, o conceito de performatividade requer um lugar aberto às identidades fixas, no qual se possam articular plurais formas de expressão do sujeito, práticas e desejos, sem que se esteja inserido nesta ou naquela categoria.

Oposições binárias de raça, gênero, classe social, nacionalidade, religião, que estão direta ou indiretamente relacionadas com o antagonismo social da sexualidade, também são o foco da teoria *queer*. São fronteiras negadas ou transgredidas por indivíduos que não se enquadram e/ou não se conformam com as normas impostas pela biopolítica heteronormativa. Portanto, tornam-se sujeitos abjetos para o modelo cultural dominante, e para os lugares nos quais a própria noção de humanidade seria contestada pelo não enquadramento nos ideais naturalizantes e normativos humanos (PINO, 2007).

Não propomos aqui a fuga do binarismo, até porque esse movimento implicaria uma demanda teórica e uma observação minuciosa. No entanto, pretendemos questioná-la, ao nos utilizarmos de personagens que, por meio da

prática da sua sexualidade, põem em evidência as fissuras no pensamento naturalista binário, como também desestabilizam as correlações entre sexo/gênero/desejo, através das possibilidades apresentadas pelas personagens à identidade do travesti. Tomaremos a noção posta por Butler para orientar nossa análise:

[...] abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo o tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante (BUTLER apud PRINS; MEYER, 2002, p. 161).

É a partir da rejeição do fundacionismo biológico proposto pela teoria *queer* que guiaremos as análises feitas, a seguir, das obras cordelísticas selecionadas, da ruptura com a ordem heterossexista e valoração daqueles que vivem às margens das normas de gênero.

Um olhar *queer* sobre os cordéis

Como já assinalado, nos debruçaremos sobre três obras: *A briga de um gay com uma mulher macho* (MONTEIRO, 2009), *O garanhão que lascou-se com um travesti* (CAMPOS FILHO, s/d) e *O padre que virou mulher* (MENEZES, 1988).

Na primeira obra, temos como personagens dois sujeitos já classificados pelo título como “*gay*” e “mulher macho”. No entanto,

após uma leitura mais atenta, percebemos duas personagens estigmatizadas pela elaboração do seu vestuário e pelas expressões comportamentais de gênero. Enfocaremos, contudo, a análise da representação e do discurso da personagem “*gay*” da obra que, por associação e pelas formas de subjetivação inscritos no cordel, podemos tê-lo como travesti. Uma vez que o narrador do episódio, por meio da descrição da personagem, traça o perfil de um sujeito facilmente reconhecido pelo senso comum como um travesti, já que, ainda que de maneira caricaturada, tenta aproximar-se do estereótipo feminino, sendo verificável nos versos: “*Tinha cintura bem feita/O quadril sobressaindo/Cílios postiços e usava/Sombra batom e falava/Desmunhecando e sorrindo*” (MONTEIRO, 2009, p. 4). Na segunda obra, percebemos um travesti que transcende a caricaturização do estereótipo feminino, que por meio de sua construção corpórea, da edição das marcas de gênero, confunde-se com o próprio feminino – conceituado pela perspectiva heteronormativa –, vistos nos versos:

Era um rebolado forte/Empolgante até demais/Um par de coxas bonitas/De mini-saia e tudo mais/ Sem contar com a beleza/Parecia uma princesa de encantos naturais (CAMPOS FILHO, s/d, p. 2).

Já a terceira obra trata de um tipo particular e não muito comum de travestilidade, mais aproximada do conceito *underground* de

cross-dressing, posto que a personagem – o padre – fazia uso de peças íntimas femininas e acomodava seu órgão genital de tal forma a fazer-se sentir uma mulher:

E por baixo da batina/comecei a usar vestidos/ botava corpete, blusa/ uns saíões bem compridos/uma cinta de elástico/escondia os possuídos (MENEZES, 1998, p. 5).

Os folhetins apresentam três personagens que subvertem a ordem heteronormativa e desestabilizam a performance delegada a seus corpos pelo senso comum. Essa desestabilização do próprio lugar marginal do qual as personagens do primeiro e do segundo cordel fazem parte se dá em dois movimentos. Primeiramente, no discurso do indivíduo presente na obra de Monteiro (2009, p. 5-7): “*Sou veado / Mas sou gostosa e enxuta [...] Oras me chama cachorra/ Horas me chama bem*”, que vai de encontro à imagem do homossexual dócil, bem educado e “domado”, uma figura quase higienizada que alguns ramos do movimento LGBT tentam promover na mídia. O *queer*, nesse caso, reflete-se justamente na postura que a personagem tem diante de si, do desejo que tem pelo seu parceiro, da submissão sexual tal qual uma “cachorra” – beirando o fetiche – ele é o “mau sujeito”. Como expressa Preciado (2010, p. 66), o “Corpo queer questiona a mitologia que garante a naturalidade da filiação e da diferença sexual. Neste contexto, o mal-sujeito gera todo

um conjunto de angústias sexuais e políticas”. Neste ponto, a personagem, assim como sua conduta, poderia causar angústia dentro do próprio movimento LGBT nas suas bases mais “conservadoras”, uma angústia expressa pelo abalo na tentativa de desconstrução da relação entre minorias sexuais e promiscuidade, patologia e ignorância, promovida secularmente por uma “heterogemonia”. Ainda segundo Preciado (2010, p. 64):

Certamente as políticas de identidade parecem buscar a interação na economia de mercado e dos meios de comunicação para ganhar visibilidade, em uma equação que estabelece uma equivalência entre visibilidade, representação política e emancipação.

A expressão *queer*, percebida no discurso da personagem, não é de fuga do binarismo, mas de uma postura que admite uma variante dentro do modelo estabelecido do “*gay* aceitável”. Ele subverte o significado de palavras que poderiam ser utilizadas como insultos, trazendo à tona uma forma de expressar a sua subjetividade, sua vontade de ser o travesti fêmea “cachorra”, de ser passiva, de escancarar a sua sexualidade.

No segundo movimento, com a personagem da obra *O garanhão que lascou-se com um travesti* (CAMPOS FILHO, s/d), o narrador desconstrói a imagem “inocente” que a heterossexualidade tem do travesti. Para aqueles que não têm conhecimento da dinâmica homoerótica, seja por

ignorância ou negação, supõe-se que os travestis masculinos participam das relações eróticas necessariamente de forma passiva, visto que seus corpos e as edições feitas neles poderiam sugerir a pretensão de ocupar sempre o *status* feminino. Percebemos essa ruptura na cena:

Ela falou sem meiguice /- Agora eu vou
lhe torar, No meio das lindas coxas /
Tinha um palmo e meio de troxa /pelo
que pude perceber, Disse com a arma
na mão:/- Vai dar ou vai querer mor-
rer? (CAMPOS FILHO, s/d , p. 6-7).

A cena desfaz dois equívocos: o primeiro, como foi dito anteriormente, de que o travesti teria que ser, necessariamente, passivo, uma ilusão. Um sem número de documentários, reportagens, entrevistas, dão conta de que, ao terem seus préstimos eróticos requisitados, travestis de programa relatam que a rotina é que o cliente seja penetrado, assim tendo a oportunidade de ser “a mulher de uma mulher”; o segundo equívoco é a associação da imagem do travesti à de um pênis minúsculo ou “atrofiado” por se assemelharem à figura feminina, como se ela não pudesse ser bem dotada, ter um pênis acima da média. O manuseio dos órgãos sexuais e demais orifícios a fim de produzir prazer, ou não, de forma anômala ao pregado pelo pensamento *straight*, causa repulsa, estranheza e negação, uma vez que as práticas dos prazeres e instrumentos destas já estão inscritos na norma. Assim:

[...] uma sexualidade qualquer implica sempre numa territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. É assim que o pensamento *straight* assegura o lugar estrutural entre a produção de identidade de gênero e a produção de certos órgão sexuais e reprodutores (PRECIADO, 2011, p.12).

Poderíamos, sem pretensões teóricas, classificar de “confusão *queer*” o que ocorre com o travesti na obra. Ele transcendeu o que se esperava do seu suposto sexo biológico, ele edita seu corpo, (des)territorializa sua boca, seu ânus e seu pênis, utilizando-os livremente, visando ao prazer.

No terceiro folheto, observa-se um tipo diferente de desejo, o de transcender da condição masculina para a feminina, a vontade de ser, de fazer, de sentir, sendo reprimida por uma das instituições punitivas sociais mais graves: a igreja. O fenômeno da travestilidade, em *O padre que virou mulher* (MENEZES, 1988), culmina na cirurgia de ressignificação sexual, que materializa o desejo cultivado pelo padre – ser mulher. Nesta obra, o padre se divide entre a performance do clérigo e o desejo de se tornar “mulher”, o dilema pessoal de um sujeito que se dividia entre seu suposto “chamado” de Deus, e sua vontade, que via no “sexo oposto” seu ideal:

Pensei: então eu vou/de uma vez me decidir/ acabar com essa história/deixar de me dividir, Não vou mais repar-

tir/a minha personalidade/eu tenho
corpo de homem/mas sou mulher de
verdade (MENEZES 1988, p. 7).

A personagem se vê oprimida pelo sistema sexo-político-religioso, que podava de todos os lados qualquer possibilidade de exercício da sua vontade, motivando a decisão de se rebelar. Para a personagem, a lógica *queer* não se aplica somente à transgressão de um padrão, ou ainda a resistência à heteronormatividade compulsória, mas, sobretudo, o que está em questão é a vontade de ser, de existir como mulher, travestindo-se, transformando-se, transfigurando-se, e não percebendo nisso o valor negativo instituído para aqueles que, como ele, procuraram satisfazer seu desejo. A lógica binária aqui não é reafirmada como pode parecer, uma vez que, mesmo almejando um lugar dentro dela, mesmo querendo ser “mulher”, o padre não parte do lugar de “homem”, já que lhe foram vedadas as práticas e/ou obrigações que fazem o sujeito ser reconhecido como tal – o sexo, o casamento, a prole – não que estas sejam as únicas, mas que, no entanto, podem ser tomadas como fundamentais pelo senso comum, e mesmo com o corpo ressignificado, ainda sim, dificilmente ele seria agrupado dentro da lógica binária como mulher.

A análise do comportamento *queer* nas três obras se manifesta de maneira plural e diversificada, assim como a proposta da teoria destaca. Além da representação de três

personagens travestis tão diferentes, sua abordagem se faz importante no que concerne à visibilidade da múltipla possibilidade de vivenciar e de perceber o travesti e/ou o seu trabalho de edição corporal e performático que, desta forma, assinala o conceito de multidões *queer* proposto por Preciado (2011, p. 16):

A multidão *queer* com um ‘terceiro sexo’ ou um ‘além dos gêneros’. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas de produção de corpos ‘normais’ e ‘desviantes’. [...] O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas.

As personagens resistem, apropriam-se de técnicas e tecnologias – na elaboração do seu vestuário, no trabalho corporal e na cirurgia de ressignificação de gênero – no intuito de se tornarem sujeitos inteligíveis a si próprios, deixando claro que os corpos não são mais dóceis, que estratégias, desvios de tecnologias do corpo financiam a desontologização do sujeito sexual, ingressando e contribuindo para uma ideia de multidões *queer*. Esse conceito, levantado por Preciado, revela as multitudes que habitam as esferas identitárias da política LGBT, que sujeitos alocados como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transgêneros, *drag queens*, *drag kings*, e tantas outras formas de

vivência da sexualidade não cabem mais em siglas, que suas práticas são cada vez mais difíceis de ser problematizadas. Desta forma, a análise das obras propicia a reflexão acerca de personagens e comportamentos que não podem e não devem ter suas práticas e vivências homogeneizadas, pois sua materialidade deve ser encarada como única, respeitando-se as diferentes subjetividades dispensando agrupamentos ou engessamentos categóricos, ainda que os termos *queer* e multidões *queer* sejam uma forma de categorização: é a categorização do (in)categorizável.

Considerações finais

Práticas discursivas vêm sendo, ao longo dos anos, analisadas como partes integrantes das estruturas sociais que corroboram ou divergem das normas estabelecidas pelas instituições de poder da sociedade. O cordel já ingressou na malha discursiva de uma cultura tradicionalmente masculinista e heteronormativa. No entanto, também, se configura como uma mídia aberta às mudanças, às representações de gênero ou representações de sexualidades mais diversas como o *gay*, o sapatão, o bissexual, a feminista, o transformista, o transgênero etc., sem que se faça obrigatoriamente uma abordagem negativa destes. Nas obras analisadas, os narradores, bem como seus personagens, tiveram respeitadas suas subjetividades, fosse na mudança implementada em seus corpos, fosse

nas práticas de sua sexualidade. Não levantamos questionamentos acerca das verdades que constroem as imagens dos sujeitos, mas apontamos a possibilidade destas realizações dentro das obras sob a perspectiva *queer*.

O trabalho dos cordelistas, talvez inconscientemente, é importante para dar visibilidade a sujeitos e práticas que geralmente têm a sua existência e os seus desejos negados, que mesmo dentro do discurso LGBT são negligenciados ou “escondidos” por algumas alas mais fundamentalistas do movimento. Percebemos três performances distintas: a do travesti que se assume travesti publicamente e não tem pretensão alguma de ser outra coisa; o travesti que contraria o que se esperava dele e, com um pênis avantajado, curra o suposto garanhão; por fim, o padre, que se travestindo em segredo acaba por fazer uma cirurgia de resignificação de gênero para aproximar-se do seu ideal. Elas representam a lógica *queer* – a nosso ver – em suas premissas mais significantes: a diversidade performática e a liberdade de práticas e desejos. Sendo assim, não é impossível o diálogo de um gênero secular, como o cordel, com uma teoria relativamente nova, posto que o fenômeno da diversidade performática na sexualidade sempre existiu e, como vimos, foi/é representado pelos cordelistas. A teoria *queer* vem proporcionar uma nova perspectiva analítica de um gênero que há muito já se revela mutante e sempre atualizado.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS FILHO, Vicente. **O garanhão que lascou-se com um travesti**. [s.l.: s. n., s. d.].

CARRILLO, Jesús. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista Poiésis**, Niterói, n. 15, p. 47-71, jul. 2010.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

MENEZES, Otávio. **O padre que virou mulher**. [s.l.: s.n., 1988.

MONTEIRO, Manoel. **A briga de um gay com uma mulher macho**. Campina Grande: Cordelaria Manoel Monteiro, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2009.

PINO, Nádia Perez. A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 149-174, jan.-jun. 2007.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.1, p. 11-20, jan.-abr. 2011.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, [jan.-abr.] 2002.